

não viajou por causa do cachorro: sofria do coração e não podia correr o risco das viagens aéreas.

— Mas não me incomodava — esclarece D. Helena. Preferia ficar a seu lado a passar pela Europa. Agora, que morreu, vou viajar. Será uma forma de atenuar minha tristeza.

As viagens de trem não afetavam o delicado coração de Totó. Os seus donos conseguiram uma licença para que os acompanhasse. Viajava para Petrópolis, onde compraram uma casa somente para o Totó. O cãozinho aprendeu a fazer uma porção de coisas e revelou-se extremamente inteligente. Conhecia as pessoas de longe. Dentre as suas esquisitices, havia esta: não gostava de políticos. Toda vez que um político visitava a família, Totó escondia-se debaixo de uma cadeira e não saía enquanto o visitante não fôsse embora...

MANHAS DE TOTÓ

— Duas vezes por semana Totó tomava banho. Procurava furtar-se à água, fingindo-se de gripado. Quando dona Helena apanhava a toalha e o sabão, começava a tossir, com uma cara de quem está muito mal. A princípio, Mme. Godoy se compadecia: instantes depois, o cachorro estava bom.

Quando Totó morreu, D. Helena ficou um mês de cama: chorava noite e dia, e seu marido passou uma semana sem comer. Construíram-lhe um túmulo que custou mais de onze mil cruzeiros: de mármore negro, de Carrara.

Diz D. Helena:

— Nunca mais quero outro cachorro, para não ser infiel a Totó, dando o meu afeto a outro cão.

CHIPSY PARECIA GENTE

— Chippy parecia gente — disse Doris, a jovem que vimos na ladeira do cemitério. Reticente, como que recordando um tempo já distante, ela conta:

— Morreu ontem, às 7 horas da noite. Depois de uma semana de calado sofrimento. No terceiro dia da doença (icterícia) tive o pressentimento de sua morte, pelo jeito com que me olhou. Levei-o ao médico, mas já era tarde. O mal era incurável.

— Há 9 anos e quatro meses — continua Doris — ele estava comigo. Um dia, chegou um homem à minha porta, querendo vender dois cachorrinhos: um preto e outro branco. O pretinho uivava muito, vi logo que estava com fome. Dei-lhe um pouco de leite e o devolvi ao vendedor. Mas a cachorrinha não queria ir embora de jeito nenhum. Olhou-me, pedindo para ficar. Pronto: paguei os



O coveiro Sebastião enterrou a sua mocidade no morro da Mangueira. Passa os dias enterrando cachorros e, às vezes, sofre tanto quanto os donos. "Acho mais fácil enterrar gente" — disse ele ao repórter

com cruzeiros e tiqel com êle. Parecia gente. Só vendo as coisas que êle fazia. Por exemplo: sabia quando era domingo. Então, acordava minha mãe, às 5 horas da manhã, para a feira. Nos outros dias, não. Dormia até mais tarde. Quando meu pai morreu, Chippy ficou uma semana junto à porta do quarto, subia na cama, arranhava o colchão, a procurá-lo. Foi operado duas vezes. Da primeira vez, tirou pedras da bexiga; da segunda, atropelado, quebrou a bacia e teve hérnia da bexiga. Mas tornou a ficar bom.

— Era o meu melhor companheiro — concluiu Doris. Não sei como vou viver sem êle...

Quando o repórter deixou a

residência de Doris, na Urca, um vira-lata começou a olhá-lo. Mansamente, veio se aproximando, pedindo um afago. O repórter já ia se comovendo, quando se lembrou da história que acabava de escutar. Recuou bruscamente e tratou de apanhar o ônibus. Senão, dentro de alguns anos, lá estaria êle depositando flores, cada fim de semana, numa sepultura do cemitério de Mangueira...

FIM



Como os homens, os cães são ricos e pobres. Em todo caso, são privilegiados aqueles que conseguem uma boa casa como a que aí se vê. As sepulturas assim são numerosas. Os homens enterram os seus mortos, depois os esquecem...

Carta a Um Coronel

Senhor Coronel.

Dulcídio-do Espírito Santo Cardoso,

Ex-Prefeito Interino.

Coronel —

Antes do mais quero cumprimentá-lo pela realização do que amigos seus me dizem (os ursos) ser o sonho mais constante de sua vida pública: ser prefeito do Distrito Federal. E' verdade que o coronel foi interino, e poucos dias depois já não o é, ou é apenas "ex". Ser "ex" é, entretanto, ainda, de algum modo, ser. E quem sabe se não foi um modo de vir a ser?

O nosso simpático Vital, eu sei, anda fraco. Dona Alzira e doutor Lourival juram que êle não dura um mês. E isso, entre coisas, coronel, por causa de inocentes brincadeiras. Uma que êle fez foi, numa festinha de inauguração qualquer, como houvesse um orador muito longo e cacete a lhe puxar o saco, perguntou o nosso prefeito a um operário que estava ali se podia dar um repasso na sua bicicleta. E enquanto o orador se esbofava, lá se foi nosso prefeito a pedalar, como um menino feliz. (Dizem que anda até sem mão; deve ser verdade. a julgar pela perícia com que se equilibra no cargo: mas não será tanto como o Dr. Vargas que anda de costas e para trás, em bicicleta de contrapedal).

Outra história é que Dona Alzira o foi visitar em Palácio, levando um alto dignatário da Igreja; e esperou muito, a excelente senhora, até que sentiu que alguém lhe vedava os olhos com as mãos e pedia que ela adivinhasse quem era. Era o nosso caro prefeito! Dona Alzira não gostou — e aí de quem Dona Alzira não gosta!

Devo lhe confessar, coronel, que, a mim, essas histórias parecem graciosas, como tôdas as do "homem que no tuvo infancia". Infância faz falta, e sempre é tempo de tê-la. Mas imagino que algumas histórias dessas, bem contadas, podem derrubar um prefeito de sua bicicleta. E se êle cai, quem empunhará as rédeas (ou o "guidon") da governança municipal?

Não escondamos que o senhor fez tudo para se habilitar. O interino aprovou o que o efetivo ia vetar, e vetou o que êle aprovava. No caso do anexo do Instituto de Educação o senhor agiu com sabedoria: mandou despejar as crianças da "Escola Epitácio Pessoa" para alugar as normalistas. Só um tólo não vê como o coronel agiu bem: temos muito mais necessidade de professoras que de crianças, e a prova é que muitas dessas crianças ficarão sem professoras, por falta de vaga em outras escolas.

O Dr. Vargas deve ter gostado; mais ainda gostou do seu ato voltando a dar nome de Avenida Suburbana à que tinha o de 29 de Outubro. Se o Dr. Vargas tivesse mais imaginação, é possível que, ao ouvir do senhor essa notícia, fugisse não em bici, mas em motocicleta, tão violenta é a puxada.

Assim cai das placas o 29 de Outubro; e é pena que não caia, nem saia, da lembrança dos homens. Ela nos lembra, com insistência, que maior é Deus do céu e nada mais; que não há mal que sempre dure — embora, como a sarna, possa voltar; ou, para dizer a coisa clara, que, neste país, o dono absoluto de todo o rebanho humano pode ser reduzido, a certa altura, a ir confabular com os bois e as vacas e os mimosos terneiros, numa rica, porém melancólica, estância de fronteira.

Parabéns, coronel. O senhor obrou pouco, mas bem. Nunca ninguém fixou tanto e tão bem em tão poucos dias. E dizer que ainda há quem pense que o senhor não merece o govêrno desta cidade! Merece, coronel, merece. E que o tenha, são os votos do soldado, admirador e obediente cidadão.

RUBEM BRAGA